# Falas - 18/03/2014

Gostaríamos de dividir a fala (essa "vulgar", do dia-a-dia), no que se refere  
ao grau de importância ou relevância, em dois tipos: contingente e necessária.   
   
A fala envolve o falante e o ouvinte numa relação de troca mecânica, de  
emissão e recepção de sons, mas atinge também o sentimento e o pensamento:  
atinge a pele, o coração e a razão.   
Nesse sentido que queremos caracterizar a fala: o que daí é relevante? O que  
daí merece ser analisado sob algum prisma de valor?   
   
A fala contingente é aquela que se dá de modo espontâneo, uma fala que  
"brota", um impulso que explode no ar. Essa fala fica por ali na região do  
sensível, é um ato totalmente atrelado ao corpo, do mesmo jeito que vem,  
volta. A fala contingente é a fala da paixão, é o grito, o palavrão, o susto,  
a braveza, a decepção. Uma fala que ACONTECE.   
   
A fala necessária vem de dentro, é articulada, cada palavra é desenvolvida  
dentro de um discurso, é uma fala utilizada como meio para se chegar a algo ou  
para atingir um objetivo. A fala necessária é elaborada racionalmente e o que  
dela se deve produzir é visto como algo responsável, algo que deve PERMANECER.   
   
Dessa caracterização, podemos associar a fala contingente à existência e a  
fala necessária à essência.   
A fala da existência é aquela da pele e do coração que pulsa, que ACONTECE,  
vai e vem: dela não se deve guardar mágoa. É um sentimento passageiro, é um  
fim em si. Aconteceu, já foi.   
A fala da essência pretende demarcar um território e se origina na razão, ela  
PERMANECE. E dessa permanência causas são produzidas e todo um modo de  
orientação.   
   
A fala da existência é um apoio para o dia a dia, é útil, mas não é  
importante. Não deve ser levada em consideração em qualquer análise mais ampla  
ou profunda. Quando visamos coisas importantes, um fim ou uma ideia séria e  
sensata, devemos nos ater à fala da essência e só dela poderemos fazer um  
juízo de valor.